



Sociedade das Ciências Antigas

O CAMINHO PARA DEUS ¹

POR

PAUL SÉDIR (1.743-1.803) ²

Seria necessário ver por trás de algumas idéias esboçadas para dar uma forma moderna, as imutáveis e místicas certezas, que a poeira da civilização deformou diante de nossos olhares, nos impedindo de compreendê-las.



Acredito que muitas opiniões diversas podem chegar a um consenso, com um pouco de tolerante imparcialidade. Se falar dos mundos invisíveis e das orações, que o racionalista não me tenha por supersticioso. Se admirar os dogmas e o culto do catolicismo, que o socialista ou o libertário não me tratem por clerical. Se afirmar a realidade do milagre, ou a grandiosidade da Virgem, que o protestante não feche este folheto.

Se der pouca importância prática à exegese, que o modernista não me dê de ombros. Se admitir que a pluralidade da existência é possível, se disser que espero que toda criatura seja salva, se lamentar a proliferação das pequenas devoções maquinais, que o católico não se escandalize. Santo Irineu, São Francisco de Sales e o Cura D'Arns tiveram a mesma opinião sobre esses pontos. Se declarar que Jesus de Nazaré é o único Filho de Deus, vindo na carne e ressuscitado corporalmente, que os neo-espiritualistas e os ocultistas não protestem.

Todo mundo, hoje em dia, fala de uma renovação religiosa. Nascida pelo temor da morte, mantida por um utilitarismo egoísta, dirigida pela ambição, ela não é real a não ser para alguns poucos entre nós. Não é do Cura D'Arns, esta terrível exclamação: “Oh! O sacerdote é algo tão grande! Se o compreendesse, morreria!”?

Nunca tão grande número de orações litúrgicas foi recitado, nunca tão grande número de fiéis recebeu a comunhão todos os dias. Nunca as medalhas, as indulgências, as fórmulas piedosas foram

¹ Tradução e divulgação autorizadas pelo *GEIMME - Grupo de Estudios e Investigaciones Martinistas y Martinezistas de España. Boletín Informativo 08 - Noviembre de 2006.*

² Tradução do texto original: “Le chemin vers Dieu”, do livro “LES AMITIES SPIRITUELLES”, publicado por Paul Sédir, explicando a natureza de seu grupo. Yvon Le Loup, conhecido por seu pseudônimo de Paul Sédir, nasceu em 2 de janeiro de 1871 e faleceu em 3 de fevereiro de 1926. Na França dirigiu a Loja Martinista “HERMANUBIS” dedicada à tradição oriental. Foi discípulo do Mestre Philippe de Lyon. Foi membro do Conselho Supremo da Ordem Kabbalística de la Rose+Croix (fundada em 1.888 por Stanislas de Guaita) e membro do Primeiro Conselho Supremo da Ordem Martinista (fundada em 1.891 por Papus). Também foi membro da H.B.L. (Irmandade Hermética de Luxor) e da F.T.L. Deu cursos na Faculdade de Ciências Herméticas e no Grupo Independente de Estudos Esotéricos de Papus. No entanto, em janeiro de 1909 abandonou as ordens esotéricas e se dedicou somente ao Cristianismo, criando a Sociedade “Os Amigos Espirituais”. Publicou: “O faquirismo hindu e os yogues” (1906); “Iniciações” (1908); “A energia ascética” (1923). Postumamente foram publicados: “Mística Cristã” (1927); “História e doutrina da Rosa+Cruz” (1932); “As curas efetuadas pelo Cristo” (1948); “Os Rosa+Cruz” (1953).

repartidas com tanta prodigalidade. E, no entanto, jamais os devotos foram mais murmuradores, os ambiciosos mais rapaces, os luxuriosos mais desavergonhados.

Ousarão dizer que é Jesus quem não mantém suas promessas? A uma dúzia de pobres homens, desgastados e simples, Jesus deu poderes tão formidáveis que o orgulho jamais poderia sonhar: curar os corpos, curar as almas. Com qual medicamento? Quase nada, apenas uma única onda imperceptível de compaixão. Mas, esses homens eram seus discípulos, já não desejavam nenhuma beleza do mundo, nenhuma das formas da imensa Natureza, nem de tudo o que existe. Não desejavam nada além do que É. Depois, seus próprios discípulos, e os discípulos desses discípulos persistiram nessa abnegação e o Espírito permaneceu com eles e os milagres continuaram brotando sob suas mãos veneráveis. Mas, e depois, o que aconteceu? Por que as palavras do Mestre não curam mais os enfermos, não iluminam mais os corações manchados?

Deverei ir, então, até a filosofia, até a ciência, para substituir o infável Verbo, ao qual a Terra pôde agarrar-se há dois mil anos? Esperai, esperai, me dizem os príncipes da inteligência, não terminamos nossa investigação, nos faltam alguns milhões de fatos. Esperar? Mas minha alma morre de incerteza, cansaço e anemia!

Certamente, a Escola e a Igreja são grandes e valiosas educadoras, mas não proporcionam a todos essa paz profunda que é a marca da Verdade. Ao longo dos caminhos, encontra-se inquietude e desilusão, pois esses caminhos não são diretos.

Só Jesus indica o caminho direto. Os que o tomaram por guia, depois de tentar outros caminhos, o afirmam.

Ele disse – vós que não acreditais, escutai isto – Ele ousa dizer: “Vinde a mim, todos os que sofrem e estão confusos!”. Por que, então, vais a outros antes de tentar chegar a Ele?

Reflitamos um pouco a respeito, antes de tentar resolver questões mais complexas.

Para guiar-se, o homem se serve de sua consciência e de sua razão. Se for honesto em sua moral, busca reduzir os esforços dedicados a seus interesses e instintos valendo-se, para isso, das luzes científicas, filosóficas e religiosas. Digo: se for honesto, já que para um homem desonesto, os duros choques enviados pelo Destino, são os únicos métodos que podem abrandar seu egoísmo, transformando-o pouco a pouco.

As pessoas de bem, os que se preocupam com outras coisas além de sua conta bancária ou seu cargo; os que pensam, às vezes, em outras crianças mais do que nas suas próprias crianças; que sentem, ainda que raramente, ainda que superficialmente, o peso do sofrimento geral: é a esses que me dirijo, recordando-lhes a força imensa das convicções compartilhadas, das energias somadas e dos impulsos sinceros em direção a um mesmo ideal.

Uma consciência totalmente pura perceberá em si mesma o Caminho, a Verdade e a Realidade. Mas, não há consciência sem mancha sobre a Terra e é por isso que buscamos respostas nos fatos, nos livros e nos homens.

No entanto, a ciência, enquanto usada para comprovação dos fatos, não pode proporcionar-nos outra regra de vida que não seja a lei do mais forte.

A Filosofia, enquanto coleção de idéias, não vai além da moral humana e do bem criado pela razão. Epíteto e Marco Aurélio diziam que essa moral gera o orgulho, um orgulho muito elevado mas muito pernicioso, porque convida a isolar-se das massas.

A religião permanecerá sempre separada da ciência e da filosofia, porque sua raiz está em outra parte, muito além dos fatos ou da inteligência. Alguém até pode construir uma filosofia científica, ou uma religião filosófica, mas isso é construir sobre a areia: as conclusões da ciência não mudam a cada vinte anos? E, se a filosofia, em si, responde a uma necessidade da inteligência e afirma a realidade do pensamento, os sistemas filosóficos não se refutam uns aos outros? Nesse caos de aproximações e sínteses provisórias, uma alma forte, uma alma simples, uma alma apaixonada pelo Absoluto encontrará a decepção do vazio metafísico.

Tais almas carregam, em segredo, a certeza de sua imortalidade, a certeza de Deus, a certeza de um futuro de felicidade e liberdade. Negam-se a se perder no indefinido do conhecimento humano e rechaçam, igualmente, todas as pequenas idolatrias, todos os pequenos oportunismos, parasitas tenazes que esgotariam o Cristianismo, se Jesus não fosse o chefe do Cristianismo.

Não admitem o protestantismo demasiadamente racionalista, desses pastores que não acreditam mais na intervenção divina. O que vale uma religião sem o sobrenatural, numa civilização que recuou tanto os limites do natural possível?

Quanto aos espiritualistas leigos, como Tolstoi, quanto às seitas mais ou menos misteriosas, filhas do Oriente, plenas de artificios, os “simples” de quem falo, não perceberiam ali mais do que argumentações hábeis, certas, mas frágeis e perigosas.

Os teólogos afirmam que Deus é demonstrável. Sem dúvida. Mas o que é uma fé baseada somente na razão? Se alguém procura motivos para viver, forças contra a dor, meios para fazer de si mesmo uma obra-prima, é necessário uma visão de Deus direta, pessoal, surgida de nossas entranhas. É necessário que Deus nos fale ao coração.

Mas, há dois corações em nosso coração, dois corações e um pensamento. Um coração de trevas, de matéria e de egoísmo: nosso Ego. E um coração de Luz, de espírito e de caridade: nossa Alma. O pensamento não é nada mais do que um espelho, que reflete os atos do coração preponderante.

Nesse santuário íntimo, nesse coração duplo que trabalha sobre tudo aquilo que está além de nossa consciência, se elaboram nossas visões do mundo, nossos motivos para agir, e as metas reais de nossas fadigas, das quais nossos fins aparentes não são mais do que fagulhas dispersas.

Nesse santuário Deus nos fala. Nesse santuário nossa inteligência se organiza. Desse santuário surgem as energias pelas quais levamos a cabo o impossível, nos elevamos por nós mesmos, vencemos a morte – não importa que tipo de morte – com uma vitória brilhante, no exato momento em que ela parece dominar-nos.

O caráter essencial do ser humano não é a faculdade de conhecer, mas a faculdade de amar. O amor age no fundo de nós mesmos, antes da inteligência. Para compreender alguma coisa conscientemente, antes é necessário amá-la inconscientemente. O alquimista não descobre nada em suas retortas, se não tem em si a vocação para a alquimia. E o ignorante pode, por suas intuições, ultrapassar o sábio, se admirar e se amar as criaturas com um fervor muito intenso.

Pascal descreveu vigorosamente esta faculdade mística do amor, que se ignora em si mesmo e que não chega a ser consciente, antes de ter atravessado o prisma mental.

Tudo é amor no universo. Tudo procede do amor e tudo retorna ao amor, depois de inumeráveis vicissitudes entre os reinos do ódio. A luta pela vida é a escola do amor essencial. Os seres passam de uma beatitude prévia ignorante a uma beatitude posterior definitiva, consciente e onisciente, por meio de trabalhos múltiplos, cujo conjunto constitui a vida universal e as existências particulares.

Isso tem lugar sobre este pequeno globo terrestre, e também – por que não? – sobre os milhões de planetas que os astrônomos ainda não puderam catalogar nas cartas celestes.

Aos positivistas direi que a alma é imortal, que nossos mortos estão vivos e muito perto de nós. Já que há outros espaços no universo, além do espaço terrestre, e outros modos de agregação das moléculas materiais, que aqueles da nossa física.

Direi que Deus existe como entidade individual, que Ele se preocupa não só com a direção geral dos mundos, mas também com a direção particular de cada um. Que Ele pode intervir em nossas pequenas desditas, que o milagre existe e, que se Renan declara o contrário, é porque não quis pôr-se nas condições apropriadas para observar esse fenômeno.

Direi aos católicos que Deus não se irrita nunca, não castiga nunca, não condena nunca definitivamente. Quando os homens se obstinam no mal, Ele abandona as coisas e são os choques da rejeição que nós chamamos, falsamente, de cólera divina.

Direi aos católicos que há, com efeito, na criação, um inferno e um paraíso, como há um nadir e um zênite. Um e outro são perpétuos, os seres passam de um a outro, segundo seus trabalhos e suas necessidades, mas não permanecem nunca perpetuamente. Em todas as partes onde se trabalha, onde se sofre, isso é uma forma do inferno. Em todas as partes onde de repousa, isso é uma forma do paraíso.

Direi que esse catolicismo é o mais belo, o mais elevado, a mais completa das religiões, que os conduz, certamente ao Deus que adoram, o único verdadeiro Deus e o mais traído de todos os deuses. Pedirei que releiam a Paixão de Nosso Senhor Jesus, do Jesus de toda a humanidade, que olhem onde se encontram, hoje em, dia Pôncio Pilatos e Caifás, e que quando tenham visto, se voltem para o Cristo, sempre crucificado, com uma fé mais ardente e uma devoção total.

Direi aos racionalistas da Igreja protestante, aos espiritualistas de qualquer escola, que esse Jesus é mais do que um homem, e – mais do que um deus –, que Ele se manifesta sem tomar nenhum intermediário a quem quer ir até Ele pelo cumprimento de seus preceitos. Que sua ciência nunca será mais que um fragmento, que o sobrenatural existe, muito além de tudo o que fica desconhecido no natural.

E a todos digo essas coisas, simplesmente para que as escutem, ao menos uma vez. Já que sei que toda atividade é útil, e que todo homem segue a via que é capaz de seguir, no momento. Todas as vias conduzem à estreita via do Evangelho, onde caminha o Amor.

Nossos trabalhos, nossas fadigas, nossas paixões, nossos desejos, nossos ódios, nossas indiferenças são as escolas do amor. Devemos ensinar o amor: a nós mesmos, em primeiro lugar, a tudo aquilo que cremos ser nós mesmos, a todos os seres à nossa volta, abaixo e acima de nós. É a única finalidade da vida, é a única razão da criação.

Mas, essa atitude mística deve surgir espontaneamente do mais profundo de nós mesmos. Os livros dos sábios, os exemplos dos santos só a fazem manifestar-se se já tivermos trabalhado profundamente o solo de nosso espírito. É uma iniciação, uma regeneração, um novo nascimento, anúncio desse terceiro e definitivo nascimento, pelo qual podemos chegar a ser uma criança de Deus e possuímos o Céu, incluindo o fundo do Inferno, isto é, o fundo da dor.

No entanto, todo nascimento supõe uma morte. Nosso ser, estando composto de muitas outras coisas além de um corpo de matéria, pode sofrer muitas outras mortes além da morte física. Mas essas mortes não são mais do que dores transformadoras e, toda angústia atrai uma alegria e um progresso.

Uma mudança intelectual, uma crise sentimental, uma nova visão, isso quer dizer a morte de alguma coisa no psiquismo e o nascimento de alguma outra coisa, até então adormecida.

Todo desejo satisfeito conduz a uma desilusão. Se o homem quer entrar no desígnio de Deus, empreenderá os trabalhos da vida por eles mesmos, para engrandecer esta vida. Mas não somos capazes de uma tal abnegação ao dever; só queremos aceitar aborrecimentos para obter algum benefício pessoal. Então, a Natureza nos trata como crianças, nos mostra o incentivo dos gozos: o amor, aos apaixonados; a riqueza, aos invejosos; a glória, aos ambiciosos; a ciência, aos inteligentes; o sossego dos pequenos ganhos, aos medíocres. E, para conquistar esses espelhismos, todas as fadigas nos parecem doces. Mas, na hora da morte, apesar de nosso egoísmo, sem dúvida teremos sido úteis.

Pouco a pouco, aprendemos a trabalhar, não mais para nós mesmos, mas para o bem geral.

Assim, o sofrimento é verdadeiramente um benefício. A alegria de viver também é um benefício. Essas duas irmãs vêm, sucessivamente, visitar nosso espírito. Mudam somente de vestes até que percebamos, por trás delas, sua mãe sempre jovem: a Vida. E nosso ser total se desenvolve em todos os sentidos, como uma árvore robusta que resiste aos outros e que, por suas raízes profundas como por seus galhos estendidos ao sol, extrai da terra e do céu o duplo alimento de seu crescimento secular.

As fadigas e as penas e seus pais, os desejos, não são mais do que incitação para um esforço definitivo, os brotos de um desejo primordial, perpétuo e permanente. É necessário conhecer e proclamar: todo ser humano carrega em seu coração a paixão de Deus; todo ser humano deve compreender o sofrimento universal. Todo ser humano só realiza um único trabalho: a conquista do Absoluto.

Nós, os místicos, devemos falar de Deus a todo mundo, nunca devemos forçar a ninguém e devemos consagrar-nos, sobretudo, à obra fraternal.

Todo mundo é chamado a transforma-se num místico, e não é Deus que demora em fazer este chamado, somos nós que nos fazemos surdos, voluntariamente.

Deus, certamente, poderia arrancar nossas mãos de nossos ouvidos, mas Ele não quer de nós nada mais do que um serviço livremente consentido. Ele espera. Tem a eternidade para esperar, se for necessário. Nossos despropósitos, cada vez mais graves, terminam fatalmente por atrair uma reação bastante severa para perturbar-nos. Na história da alma mais criminosa, uma desdita sempre surge

repentinamente, de modo muito doloroso arrasador, para devastar tudo, para empurrá-lo para o vazio primitivo, para esmagar tudo o que era seu orgulho e sua força.

Mas, por detrás dessas ruínas, o real aparece. E o Real, sabemos por experiência, é um ser, é Jesus, em nome de quem se têm semeado tantas mentiras. Sabemos que Ele é o único verídico, o único indulgente, o único perfeito, imutavelmente nosso amigo.

Essa visão se denomina, na linguagem religiosa, arrependimento. E a qualidade do trabalho que lhe segue, se chama renúncia.

Os livros dos sábios estão plenos de sentenças sobre a renúncia. Mas existe a renúncia ao orgulho desdenhoso e existe a humilde renúncia do amor, que balbucia com lágrimas e que se prostra.

Descobre-se, então, ter um coração ignorado, que queria tanto ter permanecido puro, acusa-se e depois se abandona, com coragem, ao Destino justiceiro. A partir de então, a vida não será mais que expiação. Desde os simples trabalhos de seu corpo, até os mais valorosos esforços de seu espírito, ele converterá todas as fadigas num sacrifício perpétuo. Tal é, em nós, o nascimento do Divino. O valor de nossas obras será aumentado até o infinito, posto que, por essa vontade constante de alcançar Deus, o discípulo entra, com efeito, em contato com Ele.

Esse magnífico esforço se adapta a todas as mentalidades, a todas as posições sociais, a todos os tipos de energias. Só exige um coração ardente e uma intenção pura. Assim, de fato, todo homem avança até seu Ideal, uma vez que Deus é, entre outras coisas e em primeiro lugar, a totalidade dos ideais do gênero humano.

Toda criatura se alimenta do que a Natureza lhe oferece de análogo a ela. O corpo físico se nutre de alimentos materiais; a inteligência se alimenta de idéias; a alma, centelha do Verbo, não pode alimentar-se com nada mais além do Verbo.

O Verbo, é a potência divina descendo nas criaturas e dando-se a elas. É o sacrifício inominável e perfeito. O sacrifício será, então, também o alimento de nossa alma. Cada vez que nos privamos de alguma coisa em benefício de um outro ser, nossa alma crescerá. Aceitar, buscar o último lugar, o menosprezo, a dificuldade, a pobreza, tudo aquilo que os homens temem e fogem, é o alimento espiritual do discípulo de Jesus. O sacrifício é sua vida, o amor é a chama. Dá sem cessar: seu dinheiro, seu tempo, sua ciência, sua habilidade, seu afeto. Oferece tudo isso a qualquer um que lhe peça. A sensação da presença divina que o beatifica, ele a daria, para aliviar não importa a qual de seus irmãos.

Pouco a pouco, seu espírito penetra num mundo de glória onde tudo respira paz, alegria e harmonia. Pouco a pouco, o Mestre do mundo torna-se para ele um amigo, ao invés de um Senhor. Pouco a pouco, a vida fala diretamente à sua consciência, esta vida que nem o sábio, nem o filósofo podem alcançar. Pouco a pouco, as forças divinas descem, o milagre torna-se possível, o mistério se despoja de seus véus.

Encontra-se, com efeito, com homens a quem nada os distingue da multidão. Eles têm um ofício, uma família, como todo mundo. No entanto, quando se entra em sua intimidade, os vê realizarem coisas extraordinárias, os ouve dizerem verdades profundas. Mas, artífices de milagres ou videntes, oferecem essa particularidade assombrosa, que não parecem ver como privilégio. E esse desapego é o sinal de que eles pertencem a Deus, que estão imersos na Verdade.

O discípulo verdadeiro do Cristo não é nem um solitário, nem um contemplativo. É ativo e deve mostrar-se empreendedor como o mais valente. Igualmente impassível no êxito ou no fracasso, aberto a tudo, interessando-se por tudo, mas voltando tudo na direção de Deus. A maneira como vive, sua educação, suas atitudes e seu meio o determinam, como ao resto. Porque é a qualidade desta existência que ele transmuta, por seu zelo e por seu amor, envolvendo num constante abraço toda a Natureza e todo o Céu.

Para cumprir tal missão, é necessário que o discípulo se esqueça de si mesmo e que esqueça que se está esquecendo. É necessário, todos os dias, que ele saia de si e vá até seus irmãos. É necessário que, à noite, ele torne a entrar em si, para reencontrar Deus e escutar Jesus.

Onde encontrará tanta força?

No amor, alimento do sacrifício. Caridade, humildade, orações: eis aqui a divisa da verdadeira mística. Ali se ocultam todos os segredos e todos os dons. Todos os outros métodos de cultura espiritual são fictícios, já que a verdade é a vida e a vida, é o amor. Esses servidores de Deus, esses soldados de Cristo, esses lavradores do Espírito são os únicos homens que, nesta terra, podem abraçar Seu ideal.

Recordem as emoções mais fantásticas, as sensações mais grandiosas, as concepções mais vastas que puderam experimentar ou imaginar. Tudo isso não é mais do que algo insípido, banal, e mesquinho, frente ao êxtase e às iluminações que um só olhar do Cristo dispensa a seus amigos. Conciliem o imenso e o infinitesimal, reúnam em suas almas o sabor da onipotência e do amor total! Pode ser que assim obtenham uma imagem da atmosfera que respira o discípulo.

Assim, pode-se conceber porque alguns homens parecem imutáveis nas situações mais diversas. Porque não se surpreendem de nada, até parecendo insensíveis, em tudo buscam moderar qualquer pena, inclusive, para suavizar o sofrimento de uma planta. Porque, enfim, um simples olhar, recebido deles ao passar, causa comoção até no subsolo.

Estes aficionados do impossível, consagrando-se a Jesus, assumem os mártires, sempre voltando a fazer aquilo que o mundo reserva aos apóstolos do divino. São enigmáticos e inspiram confiança.

Observam as coisas sob um ângulo desconhecido e sua visão não lhes mostra mais do que razões para serem indulgentes e piedosos. Os outros são de pedra, eles são de fogo. Consomem-se e incendeiam ao redor de si. Eles calam muito, mas sua palavra é operante. Ocultam-se para fazer o bem mas, tendo ainda nos olhos a magnificência da eternidade, dão a cada minuto, a cada ser que passa, seu verdadeiro valor: um valor infinito.

Tal é o estado do verdadeiro discípulo, tal é o caminho direto para Deus. Eis aqui o método mais frutífero para ajudar nossos irmãos.

É possível, nas piores desditas, guardar a paz. É possível que algumas palavras ditas por nós voltem a dar a coragem ao vencido. É possível que a nossa demanda ao Céu distribua a saúde, desvie o acidente, abrande um coração endurecido. É possível que o Além desvele seus mistérios.

Se o desejar, o Cristo o levará com Ele, consumido nas fadigas da caridade, ressuscitará sem cessar pelas chamadas da oração. Estará no Céu vivendo sobre a Terra, e espargirá ao seu redor a atmosfera do Céu.

Mas é necessário querer, vocês mesmos. Ninguém pode fazer o trabalho em seu lugar. Ninguém pode dar-lhes a água das fontes eternas, - salvo o Cristo em pessoa -.

Essa água chega a nosso coração pela consciência e a nosso intelecto pelo Evangelho.

Uma paciente e firme disciplina moral aclara a primeira e, na medida desta purificação, a leitura do Evangelho nutre nossa mente. O Evangelho contém tudo: toda ciência, divina ou humana, secreta ou patente, especulativa ou prática. Os segredos dos astros ali estão escritos, como os da alma humana, os do micróbio e os da engenharia, os da arte como os da matemática.

O homem não precisa de outro homem para matar a sede nessas fontes, já que ninguém está tão próximo de Deus do que ele mesmo. Não há necessidade de intermediários, não há necessidade de outro rito além do simples e confiante pedido, de outro culto além da caridade, de outra disciplina além do amor fraternal.

Todas essas coisas são experimentáveis, são certas. O dever dos que as constatam é convidar seus irmãos às mesmas experiências. Todos os homens são convidados ao mesmo banquete. Para que se realize, na mais ampla medida, esta ordem divina que é um desejo e ao mesmo tempo uma oração: “Como Eu vos amei, vós também amai-vos uns aos outros”.

FIM